

CONSCIÊNCIA NEGRA E CIDADANIA: IDENTIDADE E AUTO-ESTIMA EM SALA DE AULA

Ana Rita Santiago da Silva¹

RESUMO: *O texto Cidadania e Consciência Negra: identidade e auto-estima em sala de aula, apresentado à coordenação da VII SEMOC, resulta do processo da pesquisa Projeto Educacional do Quilombo Asantewaa: Uma Alternativa possível?, em curso, no Mestrado em Educação e Contemporaneidade, sob a orientação da Prof^a. Dra. Narcimária Correia do Patrocínio Luz, da UNEB. Essa pesquisa tem como objetivo compreender a contribuição do Projeto Educacional do Quilombo Asantewaa – Centro de Formação para Mulheres Negras – no que tange à elevação da auto-estima e à construção da identidade racial das mulheres negras da Federação e adjacências. Sendo assim, busca refletir sobre os benefícios que as ações elaboradas por essa Entidade propiciam às mulheres negras atingidas pelos seus projetos pedagógicos. Através da pesquisa, tem-se constatado que a organização, não coincidentemente, mas como paradigma relevante dos seus pressupostos pedagógicos, realiza seus projetos através da interação entre a cidadania, a identidade racial e a auto-estima da mulher negra. A disciplina Cidadania e Consciência Negra (CCN), por exemplo, compõe o programa do Curso Pré-vestibular para Mulheres Negras da instituição, realizado na Federação. Esse texto pretende refletir sobre a interação entre auto-estima e identidade racial, no projeto pedagógico da entidade e nas aulas de CCN. Além de descrever essa disciplina, analisa também os impactos produzidos nas alunas participantes do projeto, provocados pelos estudos e experiências no percurso da disciplina. Aborda sobre as concepções de auto-estima e de identidade racial que perpassam os vários discursos e ações da entidade e que compõem o aporte teórico da pesquisa.*

Palavras-chave: Identidade; Auto-estima; Mulher negra

INTRODUÇÃO

Gosto da minha cor; tem mais expressão e uma beleza única. Há 500 anos meus antecessores foram raptados da Mãe África e resistiram a todas atrocidades daquela época. Mas os ensinamentos e as tradições foram passadas de geração em geração. De tudo temos, seja religioso, na música, na culinária e outros. A participação da mulher negra como chefe de família e esposa. Grandes guerreiras. Defendendo e criando seus filhos, como leas. (A. M. S., ex-aluna).

A ex-aluna A. M. S., do Curso Pré-vestibular para Mulheres Negras e atualmente membro da coordenação geral do Quilombo Asantewaa, bem soube se auto-apresentar e sintetizar a trajetória da mulher negra brasileira. Melhor ainda soube descrever sua identidade individual e coletiva. A sua origem não está na Bahia, tampouco no Brasil, mas na Mãe África. Sua história é marcada por dor, sangue e sofrimento. Contudo o legado cultural e a tradição da civilização africana são recriados, vividos e preservados na Pátria Brasil. Não apenas sobrevive. Resiste a tudo que a impede de ser. Não é apenas uma mulher negra. É uma mulher negra leoa. Valente e forte. Enfrenta a guerra (o mundo e o seu cotidiano). Cria os seus rebentos.

¹ Mestranda em Educação e Contemporaneidade (UNEB). Professora das Faculdades Jorge Amado e da escola Superior de Administração e Comunicação. E-mail: asantewaa@terra.com.br; iyadeta@ig.com.br.

A identidade e a auto-estima são inerentes aos seres humanos? As construções sociais referentes à mulher negra colaboram ou ameaçam o seu autoconceito? O texto *Consciência Negra e cidadania: identidade e auto-estima em sala de aula* constitui-se numa abordagem sobre discursos e práticas acerca da identidade e da auto-estima da mulher negra. Aponta a identidade não apenas como construção social, resultante de fatores sócio-econômicos, mas também como produto cultural. Discute sobre a identidade arquetípica como um espaço de apreensão, de referência e de vivências identitárias. Por fim, partilha uma experiência do Quilombo Asantewaa, no que se refere às ações que promovem a elevação da auto-estima e fortalecem o pertencimento das mulheres beneficiadas à comunidade afrodescendente.

Por meio das entrevistas e da aplicação de questionários, denotaram-se algumas singularidades dessa disciplina. Alunas e ex-alunas, as quais participam dessa pesquisa, fizeram inúmeras referências à disciplina Cidadania e Consciência Negra (CCN), como experiência positiva, relevante e valorativa para suas vidas, durante o período de inserção no Curso, assim como posteriormente. Frequentemente, declararam que os encontros de CCN provocaram mudanças significativas quanto às relações raciais, aos sentimentos de pertencimento ao povo negro brasileiro. Afirmam estar mais conscientes da sua negritude, de sua cidadania e mais atentas às manifestações de racismo, às desigualdades sociais e raciais, depois de ter frequentado o curso. Salientam ainda que, a partir das reflexões e vivências, nas aulas de CCN, estão gostando mais de ser negras, aceitando mais a afrodescendência e mais convictas dos seus direitos e do exercício de sua cidadania. Que ações provocaram tais vivências? Quais conteúdos foram refletidos e abordados que propuseram a ressignificação do ser mulher negra? Que dinâmicas foram realizadas, durante as aulas, que impulsionaram as alunas a gostarem mais de si mesmas? Quais experiências fizeram que lhes motivaram afirmar a sua identidade racial e se posicionar positivamente mediante as culturas negras, a religiosidade, as ações afirmativas e as condições de vida da comunidade negra?

REPENSANDO A IDENTIDADE

O Quilombo Asantewaa ajuda as outras pessoas a serem negras e a gostarem de serem negras, mesmo com as nossas resistências, porque são histórias desde que a gente nasce. A semente é jogada. Cabe às pessoas... Uma coisa que está ajudando é ser reprodutora, repassar o que vocês estão fazendo. Reajo às críticas ao nosso cabelo. Fico estimulando as pessoas a se aceitarem mais, a serem mulheres negras e a buscarem seus direitos: educação, saúde... Incentivo às pessoas a estudarem. Vou passando isso. Na escola, onde trabalho, com as crianças, desde pequenas, eu já trabalho isso, com as figuras de negros. Conto histórias de negros. Tem pessoas que se incomodaram com isto. Quiseram botar figuras de Mickey e outros desenhos, por acharem feias. Só ficou uma figura negra. [...] (C., ex-aluna).

Para melhor compreender o conceito de identidade, para o Quilombo Asantewaa, torna-se imprescindível assegurar que a identidade não se estabelece pelos parâmetros da natureza, logo não é inerente ao indivíduo. Sendo assim, a identidade da mulher negra é um produto social e cultural, portanto construída e apreendida na relação com o outro. Como produto cultural implica adesão aos valores, costumes, tradições, concepções ao grupo étnico-racial a que se pertence. Como expressão cultural, a identidade constrói-se, não apenas pela relação de classe, pelos fatores sócio-econômicos, em que os sujeitos estão inseridos, mas levando em consideração outros aspectos, tais como étnico-racial, gênero e sexualidade.

É um conceito plural, visto que tem sido abordado por diversas ciências, tais como a filosofia, a antropologia, a sociologia e a psicologia. Ao conceito de identidade, fazem alusão “[...] a um conjunto de traços, de imagens, de sentimentos que o indivíduo reconhece como fazendo parte dele próprio, são empregados fazendo referência ao conceito de identidade [...]”. Decerto, é um termo a que se agregam várias idéias. Segundo Sodré:

Na verdade, várias idéias estão agrupadas sob o termo “identidade”, como bem observa Green. Em primeiro lugar, a noção de permanência, de manutenção de constantes; em segundo, a delimitação que permite fazer distinções e circunscrever a unidade, finalmente, a idéias de uma relação de semelhança entre elementos, que permite o reconhecimento do mesmo. Ser uno e reconhecer o uno são características solidárias, que definem os postulados da consciência filosófica.

Compreender a identidade humana ainda pressupõe enfrentar as complexidades com que se envolvem, as relações entre o sujeito e os grupos sociais e culturais com os quais se convivem. Para Sodré (2000, p. 34):

Dizer identidade humana é designar um complexo relacional que liga o sujeito a um quadro contínuo de referências, constituído pela interseção de sua história individual com a do grupo onde vive. Cada sujeito singular é parte de uma continuidade histórico-social, afetado pela integração num contexto global de carências (naturais, psicossociais) e de relações com outros indivíduos, vivos e mortos. A identidade de alguém, de um “si mesmo”, é sempre dada pelo reconhecimento de um “outro”, ou seja, a representação que o classifica socialmente (SODRÉ, 2000, p.35).

Necessário se faz também se referir ao discurso acerca da chamada crise de identidade do sujeito tão propalada nos dias atuais. Hall, em *A identidade cultural na pós-modernidade*, declara:

[...] uma mudança estrutural está fragmentando e deslocando as identidades culturais de classe, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade. Se antes estas identidades eram sólidas localizações, nas quais os indivíduos se encaixavam socialmente, hoje elas se encontram com fronteiras menos definidas que provocam no indivíduo uma crise de identidade (HALL, 2003, p.3).

Reconhece-se que o indivíduo da sociedade moderna teve uma identidade bem definida e localizada num mundo social e cultural. Considera-se também que a homogeneidade foi um dos pressupostos que constituiu, bem como caracterizou o projeto de nação. Desse modo, as referências étnico-raciais, de gênero e outras foram relegadas a dimensões menos relevantes.

Numa sociedade marcada pela negação e rejeição do outro, por conseguinte das diferenças, mascaram-se e anulam-se as diversas identidades. Projeta-se um modelo hegemônico que segrega e hierarquiza e é assimilador mediante outras territorialidades e comunalidades. Nisto se sustenta a fundação da nação. Inventa-se uma identidade nacional que camufle e dissipe as outras referencialidades. É nisto também que se pautam os discursos nacionalistas, universalistas e globalizados. Conseqüentemente, reforçam-se os estereótipos, estigmas, preconceitos e, por fim, as desigualdades.

Deste modo, a identidade, no mundo contemporâneo, é uma construção, na qual envolve um conjunto formado por diversas dimensões: classe, gênero, sexo, raça, nacionalidade, idade

dentre outros. Pressupõe referências, pertencimento e, concomitantemente, coexistência desses elementos, da alteridade e do contexto de modo relacional (MOITA LOPES, 2002).

A identidade certamente não é algo que compõe a natureza humana, tampouco resulta de doação ou de aquisição passiva e inerte. Ao contrário, as identidades individual e coletiva constroem-se e se articulam, em meio às tradições, às ancestralidades, aos costumes, e, sobretudo, é produto social e cultural, o qual pressupõe escolha, pertencimento e projeto. Compõem o processo de exercício de cidadania. Nascimento, sobre isto, afirma:

No contexto da sociedade contemporânea, caracterizada pela globalização, a identidade surge como objeto de cidadania. A articulação entre identidade e cidadania forma a base da teoria do multiculturalismo (Taylor, 1994). As identidades são afirmadas, em muitos casos, como uma forma de resistência social diante do poder da cultura hegemônica do etnocentrismo ocidental globalizado, herdeiro do colonialismo (McLaren, 1997).

No mundo globalizado, signos e símbolos efêmeros – porém poderosos – movimentam-se nos fluxos globais que caracterizam a sociedade em rede da era da informática. A busca de valores e referenciais de subsídio é a tônica da construção de identidade de resistência ou de projeto. Os movimentos sociais incumbem-se dessa busca, articulando críticas à cultura hegemônica do poder e contrapondo os seus signos e símbolos outros próprios, muitas vezes enraizados em matrizes, tradições e processos de luta não-ocidentais, reprimidos desde o século das luzes no processo de imposição da hegemonia colonial ocidental (Castells, 1999) (NASCIMENTO, 2001, p. 18).

A identidade principia-se e se refere à esfera individual – Eu me vejo assim –. É uma representação que se faz sobre si mesmo. Na abordagem de Sodré:

Identidade é de fato algo implícito em qualquer representação que fazemos de nós mesmos. Na prática, é aquilo de que nos lembramos. A representação determina a definição que nos damos e o lugar que ocupamos dentre de um certo sistema de relações. O *idem* latino faz referência à igualdade ou à estabilidade das representações, possibilitadas pela ordem simbólica e pela linguagem, mas também à unidade do sujeito consigo mesmo. A consciência, enquanto forma simbólica determinada, é lugar de identidade. (SODRÉ, 2000, p. 35).

Isto desemboca na coletividade – Nós nos vemos assim e somos assim. O outro me vê assim –. Este outro, contudo, não é um estranho, mas um outro princípio e/ou continuidade de mim. Vemo-nos no e com o outro. Ela é então uma construção coletiva. Em verdade, o Eu e o Nós/Outro interagem-se, dinamizam-se e consolidam a identidade. Sendo assim, a sua afirmação parte de uma referência, uma raiz e se consolida de modo coletivo, processual e contínuo. Sobre isto, Pereira declara:

A constituição da identidade do ser humano como expressão de grupos e categorias sociais está indissolavelmente ligada ao processo de socialização “tout-court”. Daí pode-se afirmar que uma das funções da socialização é a da construção da pessoa humana dentro dos parâmetros de seu “locus” espacial, temporal e sociocultural, ou, numa linguagem mais filosófica, dentro de ideais ou modelo de pessoa definido pela sociedade (PEREIRA, 1987, p. 41).

A identidade resulta, então, da percepção que temos de nós mesmos e de como o outro nos vê. Elaborar-se através do convívio: O outro me constrói e eu o outro. Cavaleiro concebe:

[...] a identidade é um dos resultados mais importantes do processo de constituição social do sujeito. E, para Erikson (1976), identidade refere-se a um contínuo sentimento de individualidade que se estabelece valendo-se de dados biológicos e sociais. O indivíduo se identifica reconhecendo seu próprio corpo, situado em um meio que o reconhece como ser humano e social. Assim a identidade resulta da percepção que temos de nós mesmos, advinda da percepção que temos de como os outros nos vêem. Desse modo, a identidade é concebida como um processo dinâmico que possibilita a construção gradativa da personalidade no decorrer da existência do indivíduo (CAVALLEIRO, 2003, p. 19).

Entretanto isto não deslança em fragmentação, tampouco caracteriza hibridez ou multiplicidade identitária. Pelo contrário, ao ver o outro, demarca-se a ancoragem existencial, a origem. Faz-se identidade, por conseguinte, revelam-se diversidades. Neste sentido, a identidade estabelece-se, dinamiza-se e se processa a partir dos vários elementos que compõem os sujeitos e da alteridade. É na convivência das diferenças que se configuram, reafirmam-se e se revelam as referências identitárias (raízes, origens).

Na medida em que se atribui um valor dignificante sobre si mesmo, certamente ter-se-á uma imagem apreciativa, portanto ter-se-á uma dimensão dialógica com a coexistência das diferenças. Desse modo, a relação com o outro não irá inibir, recalcar, negar ou subjugar aquilo que se é. Contrariamente, o encontro com o outro deve demarcar as diferenças e fortalecer as referências.

PROMOVENDO A AUTO-ESTIMA EM SALA DE AULA

Eu também sempre me rejeitava. Se pudesse, teria feito cirurgia dos seios, da barriga, dos olhos. Não gostava dos meus olhos, por serem muito grandes. Era chamada de olho de boi. Eu detestava. Não me aceitava. Hoje, quer dizer, do ano passado para cá, após o cursinho, estou me adorando. Gosto de mim. Me aceito. Tenho auto-estima [...] (M.A S., aluna).

Que concepções de auto-estima norteiam a prática e os discursos nas ações do Quilombo Asantewaa, sobretudo na disciplina CCN? Que discursos e procedimentos levam uma aluna a fazer tal afirmação? Ressignificações de conceitos, de metodologias e de pressupostos desfilam na contemporaneidade. Para bem compreender as abordagens sobre auto-estima, nas aulas de CCN, necessário se faz pontuar o conceito de auto-estima que as orienta.

Manuais e diversos discursos atrelam a auto-estima elevada a alguns exercícios de auto-ajuda e reduzem a sua importância ao seguimento de algumas filosofias, só para mencionar algumas associações e vertentes que veiculam sobre essa temática. Diante disso, torna-se oportuno retomar a compreensão de auto-estima, elaborada pela psicologia, e relacioná-la com o conceito do programa de CCN.

É cada vez mais desafiante e intrigante conceituar e até caracterizar a auto-estima na contemporaneidade. A auto-estima, à qual se refere o programa de CCN, não é abstrata, nem retrata, tampouco se relaciona com aquela anunciada pelos inúmeros manuais e eventos de auto-ajuda que circulam no mercado editorial e em diversos segmentos sociais. Sobre isto, a pesquisadora Moysés afirma:

A temática da auto-estima virou moda. Tema obrigatório na seção de auto-ajuda, nas prateleiras das livrarias, está presente em toda parte. Comporta tudo.

[...] Auto-estima virou palavra mágica. Cabe no anúncio do profissional que trata da depressão, que faz hipnose, regressão de memória e usam florais. Cabe também nos dos tarólogos, dos astrólogos e até nos de entendidos em anjos. Em todos, a promessa de elevar a auto-estima do pretense cliente mediante meia dúzia de “passos” (MOYSÉS, 2003, p. 17-18).

Também não se insere nos discursos e em definições, elaborados pelos ideais capitalistas, neoliberais e globalizados. Estes reduzem o estímulo à autopercepção e à valorização do ser humano sobre si mesmo ao poder de compra. Atrelam assim a auto-realização e a auto-aceitação ao consumismo. Quanto mais se consome, mais chance de sucesso. Tem que se estar bem, para mais produzir e consumir. Nisto também se estabelecem os paradigmas da moda: há um contínuo apelo à igualdade, à homogeneidade em detrimento da anulação das diferenças, compreendidas como inferiores e desiguais.

Nessa perspectiva, estar bem é ter poder de consumo. Viver positivamente, nesse plano, para atingir sucessos e bens é fortalecer o poder de gastar. Compra-se até auto-estima. Vale estar bem individualmente. No entanto consolidam-se cada vez mais estudos e pesquisas em torno da auto-estima. Moysés assegura:

A despeito desse modismo, percebi que os estudos e as pesquisas no campo do autoconceito e da auto-estima vão alcançando refinamentos cada vez maiores, ainda que com enfoques e concepções diferentes. Circunscrevem-se, de modo geral, à produção norte-americana, de longa tradição no trato do tema. Apesar de ter se originado nas idéias apresentadas em 1890 por William James, em *Principles of psychology*, os estudos sobre autoconceito ganharam corpo nas décadas de 1970 e 1980. No âmbito conceitual, coube às pesquisas e aos escritos de W. Brookover, Stanley, Coopersmith e William Purkey, entre outros, oferecer os subsídios que balizaram, por muito tempo, as investigações nessa área (MOYSÉS, 2003, p. 18).

Para Moysés, a auto-estima é a percepção que uma pessoa tem do seu próprio valor. Para ela:

[...] Como a própria palavra denota, o auto-conceito procede de processos cognitivos. Ele é fruto da percepção que a pessoa tem de si mesma. Como todo processo de percepção, está sujeito a uma série de fatores externos e internos à própria pessoa. Informações que vamos colhendo aqui e ali, a nosso respeito, fruto de opiniões alheias, formam, possivelmente, os primeiros rudimentos do nosso auto-conceito. A essas informações vão se somando aquelas originárias das avaliações que nós próprios fazemos dos nossos desempenhos, das nossas ações, das nossas habilidades e características pessoais. Vão formando, na nossa estrutura cognitiva, uma área de conhecimento acerca de nós próprios. Aquilo que achamos que somos, tanto do ponto de vista físico quanto do social e do psicológico, vai assim ganhando corpo.

O sentimento de valor que acompanha essa percepção que temos de nós próprios se constitui na nossa auto-estima. Ou seja, ela é a resposta no plano afetivo de um processo originado no plano cognitivo. É a avaliação daquilo que sabemos a nosso respeito: gosto de ser assim ou não?

Em termos práticos, auto-estima se revela como a disposição que temos para nos ver como pessoas merecedoras de respeito e capazes de enfrentar os desafios básicos da vida. (MOYSÉS, 2003, p. 18-19).

Para o povo negro brasileiro, entretanto, seu autoconceito está submetido a sua constante busca em parecer com o outro, com o padrão de beleza já consolidado como belo e ideal, o qual jamais segue parâmetros inerentes ao seu biotipo, aos seus valores e às suas características. Isto, ao aparecer, ocasionalmente, nas mídias, é, muitas vezes, carnavalizado e considerado exótico. A visibilidade ocorre, mediante a constatação de que há uma parcela de negros e negras com poder aquisitivo, o que lhes garante o status de consumidora e a certificação de que será mais aceita nos diversos segmentos da sociedade brasileira. Conforme se constata, ressignificá-la, bem como resgatar o seu potencial. Na comunidade afro-brasileira, necessário se faz desconstruí-la e desnudá-la de conceitos, estereótipos e estigmas que não contemplam, não revelam, tampouco atingem as peculiaridades das mulheres negras.

A suposta valorização e um possível reconhecimento do valor cultural e da beleza negra decorrem das estratégias do mercado. Ainda assim, os discursos em torno do ser politicamente correto nada mais são do que incentivos aos negócios, logo ao lucro, ao acúmulo de capital e ao crescimento mercadológico. Mais agravante ainda tem sido constatar que a beleza e a auto-estima, pregadas pelo mercado, em verdade, corroboram a negação histórica das referências africanas. É indubitavelmente mais um recurso de anulação da estética e da identidade negras, que constituem a brasilidade. É por fim uma contemporaneização da ideologia do branqueamento: incentivo à assimilação dos valores estético-culturais do outro. Isso é certamente mais um estímulo a falsear-se, não se aceitar e “não se gostar”, conforme afirma Souza (1983).

Nesse contexto, a auto-estima das mulheres negras não se dá de modo espontâneo, visto que ser mulher negra, no Brasil, ainda não é bom. É ser desigual e não diferente. Ainda é ser considerada feia, inferior, incapaz e incompetente. Como já bem se sabe, a presença do povo negro brasileiro tem sido marcada pela negatividade e pela rejeição (SOUZA, 1983), por negros e negras estarem fora dos padrões convencionalmente pré-determinados e construídos. Há uma estrutura segregacional que legitima e sustenta isso, assim como o tratamento desigual entre brancos e não brancos ao longo dos anos. É nisto também que se sedimenta a exclusão de mais de 50% da população negra no Brasil.

De um modo geral, a apatia aos valores culturais afrodescendentes e a aparência nos moldes ocidentais e brancos de inúmeras mulheres negras apontam para situações complexas e subjetivas, tais como a auto-imagem distorcida, a negação do seu próprio corpo, a rejeição às culturas negras e ao universo africano, bem como a fuga de si mesmas e de suas origens. Cavalleiro indica algumas razões que corroboram essa realidade.

Numa sociedade como a nossa, na qual predomina uma visão negativamente preconceituosa, historicamente construída, a respeito do negro e, em contrapartida, a identificação positiva do branco, a identidade estruturada durante o processo de socialização terá por base a precariedade de modelos satisfatórios e a abundância de estereótipos negativos sobre negros. Isso leva a supor que uma imagem desvalorativa/inferiorizante de negros, bem como a valorativa de indivíduos brancos, possa ser interiorizada, no decorrer da formação dos indivíduos, por intermédio dos processos socializadores. Diante disso, cada indivíduo poderá internalizar representações até mesmo se dando conta por acreditar ser o mais certo (CAVALLEIRO, 2003, p.19).

Essa realidade exige um contínuo e permanente processo de construção da identidade de mulher negra e de desconstrução dos estereótipos e dos preconceitos, por ela vivenciado, já preconizados e consolidados pela sociedade brasileira. Exige, portanto, um empenho, individual e coletivo, em tornar-se e afirmar-se como mulher negra.

O imbricamento entre a identidade individual e coletiva interfere também na imagem corporal da mulher negra. Ou seja, a imagem corporal, isto é, o modo como se vê, como se auto-percebe, como se sente em relação ao seu corpo e a sua história, está relacionada diretamente com a maneira e o sentido das imagens corporais que rodeiam e perpassam nos diversos ambientes, nos quais está inserida. A construção do significado da imagem corporal individual e social efetiva-se e resulta das relações que são estabelecidas em seu contexto. Teves declara:

Entenda-se por imagem corporal a forma como um indivíduo se percebe e se sente em relação ao seu próprio corpo. Mas uma imagem corporal remete, de algum modo, ao sentido das imagens corporais que circulam na comunidade. Esse sentido se constrói a partir dos diversos relacionamentos que ali se estabelecem, seja pela proximidade, seja pela distância emocional que aquela imagem proporciona. Melhor dizendo, em qualquer grupo existe sempre uma imagem social do corpo. [...]. (TEVES, 1999, p. 11)

O conceito de auto-estima, salientado, nos encontros e nas aulas de CCN, tem uma referência identitária coletiva e arquetípica. Não basta dizer e se reconhecer negra. É preciso situar-se, historicamente, num espaço e numa comunidade, ancorada nas origens, nas ancestralidades e no berço da descendência africana. É desse lugar e dessa tradição que se constituem as reflexões e vivências em torno da auto-estima. Gostar-se, aceitar-se implica “abraçar”, afirmar e acolher a africanidade, que permeia a existência a comunidade negra brasileira. É enfrentar e se posicionar diante das vicissitudes e das condições, as quais compõem o cotidiano de homens e mulheres negras no Brasil.

Há inclusive um outro e um mesmo lugar: o *Egbé* (terreiro/comunidade de asê), na qual se constroem identidade e auto-estima. Historicamente, o terreiro é olhado pelo outro como um não-lugar de elevação do ser. E centenas de homens e mulheres negras assimilam isso como verdade, resultante da ideologia do branqueamento. Ao contrário, a comunidade de asê vem negando o modelo de auto-estima e de estética que exclui e silencia o corpo e o ser da mulher negra. Por meio dela, restaura-se uma verdade: é muitíssimo bom ser mulher negra.

A auto-estima da mulher negra, certamente, constrói-se e é, constantemente, ressignificada nas diversas tradições religiosas afro-brasileiras. Sobre isso, Theodoro (1999, p. 89) já afirmara: “[...] Através das danças rituais, as mulheres incorporam a força cósmica, criando possibilidades de realizações e de mudança, fazendo de seu corpo um território livre, próprio do ritmo, liberto de correntes”.

O auto-conceito dos membros de terreiro não se define apenas e tão somente pelos aspectos internos e externos. O referencial mítico também expressa e constrói o conceito que se tem sobre si mesmo. As qualidades (positivas ou negativas) do ancestral (orixá, inquice, caboclo, egun, vodum) expressam a pessoa. Ele é, em verdade, uma referência identitária. É um paradigma importante na construção da identidade, na aceitação de si e na relação entre o Eu e o Outro. Os outros não são apenas os irmãos e irmãs da comunidade, mas também os Orixás. Eles revelam a si e aos outros. Através dele, conhecem-se a si mesmos, à comunidade e ao outro.

Uma mulher negra de terreiro (*egbé*), por exemplo, ao afirmar a sua religiosidade afro-brasileira, assim como as suas vivências comunitárias e as tradições religiosas reforçam paulatinamente a sua identidade pessoal e comunitária. Uma filha de *Òsum*, possivelmente, orienta o seu ser, o seu agir, o seu convívio, enfim o seu viver a partir dos atributos indicados a terna e a guerreira *Iyabá*² *Òsum*. E, concomitantemente, os seus irmãos e irmãs irão vê-la e ter como base da convivência o perfil atribuído a essa *Iyá*. Além disso, a sua trajetória na comunidade será demarcada pela proximidade entre ela e o seu orixá. A relação amorosa e filial

² *Iyabá*, expressão iorubana, que significa as mães ancestrais, os orixás femininos.

ou conflitante e tensa que se configura entre uma pessoa e o seu orixá desemboca na revelação, bem como na confiança, na auto-aceitação de si mesma e numa satisfação de pertencer a um determinado Orixá e a uma comunidade.

No cotidiano de terreiro, re-afirmam-se os valores e a aceitação de si mesma. A resistência, a preservação das culturas negras (arte, religião, culinária, costumes, invenções, tecnologias, indumentárias, saberes, enfim bens materiais e imateriais) das ancestralidades negras legitimam o *Egbé* como um espaço permanente de construção e de elevação da auto-estima. Presenciamos e vivenciamos, através do convívio e do pertencimento a um *Egbé*, um prazer, vinculado a *Odára* (belo/estético), que perpassam o ser e o existir da comunidade e de todos em que nela estão inseridos. Em tudo – danças, ritos, rezas, comidas, vestes, trabalho – há mensagens implícitas e explícitas, tais como: *Gostamos de ser o que somos. Queremos continuar a ser o que somos. Podemos até ser o que você é, mas não deixaremos de ser negros e negras de asè, de tradição africana.*

Nisso se confirma a história das religiões afro-brasileiras como fonte de resistência, como bibliotecas, como patrimônio, como museus vivos e permanentes de aprendizado e de resgate da história, das culturas e das heranças africanas. Como prova disso também estão a perseverança, a dedicação à comunidade, a preparação dos ambientes e das comidas, as obrigações, as alegrias e a serenidade que permeiam os afazeres peculiares à vida do terreiro.

Na comunidade, aprende-se ainda a proteger a liberdade humana, a aceitar os limites e fragilidades, os quais compõem o limiar da existência. Conhece-se também a expressão estética ancestral, a qual se manifesta na comunidade, nos cultos, nos modos de vida, na dança, na procriação, no trabalho, na doença, na busca da cura, no enfrentamento, no convívio e na aceitação da morte. Aprende-se enfim a Ser. Além disso, conhecem-se as divindades que, ao se revelarem, oportunizam o auto-conhecimento, assim como o auto-conceito dos membros da comunidade.

Diante do exposto, da observação e dos depoimentos, infere-se uma concepção de auto-estima peculiar à construção e às proposições do curso pré-vestibular para mulheres negras e da disciplina CCN da instituição. Para o programa do curso, a auto-estima é gostar de ser mulher negra e afirmar-se como tal. É desconstruir os preconceitos e estigmas que compõem o seu cotidiano; é exibir-se negra nos diversos aspectos que compõem a sua existência. É reconhecer-se uma na coletividade. É ver-se no e com o outro. É afirmar-se como tão fortemente afirma uma aluna.

[...] Eu não gostava e não me aceitava. Sofri muito. Não gostava de sair à noite, porque achava que ficava mais escura. Passava limão na pele para tentar deixar ela mais clara. Como minha colega ali (apontou para uma aluna presente), que até passava kboa (água sanitária) na pele. Eu não me aceitava e os outros me discriminavam muito. [...] (C.S.L., aluna).

Desse modo, ver-se mulher negra, necessariamente, representar-se negra, identificar-se com as Iyás ancestrais, bem como com as mulheres negras antepassadas ou contemporâneas não constituem um processo sem tensões, requer contínuas e árduas desconstruções de estereótipos, estigmas, preconceitos e re-elaborações de autoconceito e de referências identitárias. Sendo assim, a elevação da auto-estima mulher negra, em CCN, resulta da promoção, ou seja, de ações que favoreçam gostar mais de si mesma, auto-valorizar-se e se reconhecer negra. Desse modo, terá um conceito positivo de si mesma e uma convivência com seus pares pautada na alteridade.

CCN: CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE RACIAL E DE FORTALECIMENTO DA AUTO-ESTIMA DA MULHER NEGRA EM SALA DE AULA

A disciplina CCN – Cidadania e Consciência Negra –, do curso pré-vestibular para mulheres negras, tem como eixos temáticos: gênero, raça e cidadania. Destes são elaborados os planos de curso e de aula. O curso funciona no Engenho Velho da Federação e na Federação, em Salvador. Participam mulheres negras dessas localidades e adjacências, as quais pretendem ingressar na universidade. Nestes bairros, os afro-descendentes compõem a maioria da população. São apenas 5 escolas públicas (três estaduais e duas municipais), nas proximidades desses bairros. Encontram-se vários segmentos das culturas negras brasileiras. Constituem, desse modo, um patrimônio dos afro-brasileiros. Só para mencionar alguns exemplos, há aproximadamente 20 comunidades de tradições religiosas afro-brasileiras. A não-exatidão dá-se pelo dinamismo e pelo constante surgimento de comunidades de asê, em Salvador. Nessas localidades, estão situadas *Egbès* de várias origens e tradições religiosas africano-brasileiras (ou nações como o *povo de santo* comumente chama): jejes, ketu, bantu, ijexá, ioruba, culto ao caboclo... É também na Federação que estão localizados o terreiro mais antigo do Brasil, considerado o mais antigo da tradição iorubá: *Ilê Asê Iyà Nassô Okà (Casa Branca)* e o famoso *Ilê Asê Iyamassè*, mais conhecido como Terreiro do Gantois, de mãe Menininha. Associações e grupos culturais de capoeira também não faltam.

CCN tem os seguintes conteúdos: Auto-conhecimento, auto-estima; Conceitos: Raça, identidade, discriminação racial, sexismo, gênero, preconceito racial, e etnia; História da África; História do negro no Brasil; Religiões Afro-brasileiras; Culturas negras no Brasil; Vultos negros femininos; Política: globalização e cidadania; Movimentos sociais; Conjuntura brasileira; Políticas públicas: ações afirmativas.

A disciplina tem como objetivos: Possibilitar reflexão e experiências que favoreçam o autoconhecimento, bem como da história das mulheres negras no Brasil; promover o fortalecimento da auto-estima e da identidade das mulheres negras envolvidas; conhecer a história do negro no Brasil; refletir sobre os processos civilizatórios africanos; discutir sobre preconceito, racismo e sexismo; estudar sobre questões sócio-político-econômicas do Brasil; refletir sobre a conjuntura brasileira; facilitar as beneficiadas o acesso à universidade e ao mercado de trabalho.

A relevância de CCN caracteriza-se, por um lado, por ser um espaço de desconstrução de preconceitos, de estigmas e de estereótipos que perpassam o cotidiano das mulheres negras brasileiras. Por outro, porque desvendam-se e traçam-se caminhos que geram outras perspectivas de existência das participantes, conforme declara uma ex-aluna:

[...] Agora, depois das aulas de CCN e do cursinho, eu consigo me aceitar do jeito que eu sou. Com o cabelo carapinha e tento passar isto para as outras pessoas; a cuidar do cabelo, sem alisar, para a gente não se marginalizar. No bairro, não ser aqueles que roubam etc.[...] (A. S., ex-aluna).

Entende-se que a elevação da auto-estima das alunas efetivar-se-á através do imbricamento das dimensões – auto-estima e identidade racial – que compõem o ser das mulheres participantes. Ao se discutir sobre a auto-estima e identidade, simultaneamente, direciona-se e se volta o olhar ao universo negro, ao ser mulher e aos múltiplos ambientes e situações em que estão inseridas. Ao se abordar sobre as relações de gênero, remetem-se também às condições sociais e de vida da mulher negra.

As alunas entrevistadas, através de suas declarações, apontam a importância, bem como os impactos produzidos pelas ações e pelos estudos realizados por meio da disciplina e do curso.

Através das vivências e das reflexões, estabelecem-se re-elaborações de autoconceito, fazem-se releituras da história do povo negro no Brasil, conhece-se o universo negro e fazem-se leituras sobre o Brasil.

[...] As aulas de CCN ajudaram muito a conhecer a minha história, por que alisar o cabelo, o sistema de consumo, comprar produtos, cada vez mais, para consumir mais. As aulas de CCN ajudam a perceber o que está por trás disso mesmo. Paulo, Dagumar, Andrezinho. Foi um choque admitir que alisava cabelo, que tinha um sistema, que fazia porque eu queria e não porque era imposto. Foi difícil assumir isto. Na faculdade, mesmo. Já consigo perceber que o que sofro é porque só negra, preta e pobre [...] (C.S., aluna).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A identidade e auto-estima da mulher negra são apreensões que resultam da interação entre o Eu e Social, advinda, de convívio, de papéis e de construções sociais. Diante do exposto, a auto-estima e a identidade da mulher negra pressupõem levar em consideração a complexidade que circunda tais conceitos e compreendê-los associadamente às noções de representações sociais.

Como vimos, na disciplina Consciência Negra e Cidadania, do Curso Pré-vestibular para Mulheres Negras do Quilombo Asantewaa, circulam abordagens que possibilitem uma compreensão relacional entre auto-estima e identidade racial das mulheres negras participantes do projeto. Estas são construídas e fortalecidas através do encontro com pares identitários.

REFERÊNCIAS

PEREIRA, J. B. A criança negra: identidade étnica e socialização. In: **Cadernos de Pesquisa**, nº 63. São Paulo: 1987, p.145.

CAVALLEIRO, Eliane. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar – racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. São Paulo: contexto, 2ª ed, 2003.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

LUZ, Marco Aurélio. **Agadá – Dinâmica da Civilização Africano-Brasileira**. Salvador: EDUFBA, 2000.

MOYSÉS, Lúcia. **A auto-estima se constrói passo a passo**. Campinas, SP: Papyrus, 3ª ed, 2003.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. Sankofa: educação e identidade afrodescendente. In: **Racismo e anti-racismo na educação – repensando a escola**. CAVALLEIRO, Eliane (Org.) São Paulo: Summus, 2001.

SOUZA. Neuz Santos. **Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão**. Rio de Janeiro: Graal, 1983.



SODRÉ, Muniz. **Claros e Escuros – Identidade, povo e mídia no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

_____, Muniz. **O terreiro e a cidade**. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 2002.

TORRES, Cláudia Regina Vaz. Sobre Gênero e Identidade – algumas considerações teóricas. In: FAGUNDES, Tereza Cristina Pereira (Org.). **Ensaio sobre Identidade e Gênero**. Salvador: Ed. Helvécia, 2003.

TEVES, Nilda. A representação do próprio corpo na ressocialização de jovens de rua. In: Representação social e educação. RANGEL, Mary e TEVES, Nilda (Org.). Campinas, SP: Papyrus, 1999.